

LEVANTAMENTO DAS PTERIDÓFITAS ORNAMENTAIS NA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA¹

TAÍS SOARES MACEDO² & FABIANA REGINA NONATO³

²Mestranda em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, Prédio do LABIO, 44036-900, Feira de Santana, Bahia (taismacedo10@yahoo.com.br)

³Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz – FIOCRUZ. Rua Waldemar Falcão, 121, 40296-710, Salvador, Bahia

(Levantamento das pteridófitas ornamentais na cidade de Salvador, Bahia) – O presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento das pteridófitas nos principais locais de venda de plantas ornamentais da cidade de Salvador, Bahia. O interesse pelo conhecimento das pteridófitas ornamentais existe pela evidência de se trazer à comunidade científica quais as espécies utilizadas para a ornamentação e principalmente se são nativas ou exóticas. A coleta foi realizada no primeiro semestre de 2008 e foram coletadas 14 espécies e três variedades cultivadas, distribuídas em dez gêneros e seis famílias. A maioria (8 spp.) tem distribuição paleotropical. Devido à maior parte das espécies encontradas serem exóticas, atenta-se para o fato de que muitas destas podem se tornar invasoras em ambientes naturais. A utilização de plantas nativas na ornamentação constitui uma das alternativas que elimina o risco da contaminação biológica por espécies exóticas.

Palavras-chave: Pteridófitas, samambaias, avencas, plantas ornamentais, Bahia.

(Inventory of the ornamental pteridophytes in the city of Salvador, Bahia State) – This work presents a survey of pteridophytes in the most important selling places of ornamental plants in the City of Salvador, Bahia. The interest in knowledge of ornamental ferns is the evidence to bring the scientific community that the species used mainly for decoration and are native or exotic. The survey was developed during first semester of 2008 and fourteen species and three cultivated varieties were collected, distributed in six families and ten genera. Most of the species have paleotropical distribution. As most of found species are exotic, it is important to call attention that many of these may become invasive in natural environments. The use of native plants in the ornamentation is one of the alternatives that eliminate the risk of biological contamination by exotic species.

Key words: Pteridophytes, ferns, maidenhair ferns, ornamental plants, Bahia.

INTRODUÇÃO

Plantas ornamentais são aquelas que se destacam pelo florescimento, pelo contorno ou colorido das folhas e pela forma e aspecto geral da planta. Estas preenchem os espaços livres, podendo adaptar-se a recipientes de enfeite e estabelecendo, no mundo moderno, o mínimo contato possível do homem com a natureza (LORENZI & SOUZA, 2001).

Das plantas mais utilizadas na ornamentação, destacam-se as diversas espécies de pteridófitas, popularmente conhecidas como “samambaias e avencas” (SILVA *et al.*, 1981). Constituem, evolutivamente, o primeiro grupo de plantas a apresentar tecidos vasculares para a condução de água e nutrientes, apresentando também, na sua alternância de gerações, o esporófito como fase dominante do ciclo de vida. Porém, a presença de água para que ocorra a fecundação ainda é necessária nesse grupo vegetal, o que não ocorre com outros grupos mais recentes na escala evolutiva.

As pteridófitas constituem um grupo de plantas relativamente importante na vegetação atual. Estima-se que existam no mundo em torno de 12.000 espécies (WINDISCH, 1992). O grupo é cosmopolita, ocorrendo em uma enorme diversidade de habitats que vão de situações ártico-alpinas

ao interior de florestas pluviais tropicais e de vegetação arbustiva sub-desértica a rochas costeiras e mangues (PAGE, 1979).

A diversidade das samambaias é imensa, tanto na forma e tamanho das pinas, como na totalidade do verde de suas frondes ou folhas. Samambaias com frondes finamente divididas são valiosíssimas como ornamentais. Quando bem cultivadas, estas plantas desenvolvem mais rapidamente exuberante folhagem (SILVA *et al.*, 1981).

A maioria das espécies de pteridófitas tem o seu crescimento limitado, apresentando caule do tipo rizoma, que se desenvolve subterraneamente ou próximo à superfície, não atingindo tamanhos que, por exemplo, uma angiosperma pode atingir. Devido a estes e outros fatores, como a beleza das suas frondes, a facilidade de cultivo em vasos ou xaxins, ocupando pouco espaço, as pteridófitas, apesar de não produzirem flores, são de longa data, preferencialmente escolhidas para ornamentação de residências, de empresas e dos diversos estabelecimentos comerciais.

A maior parte dos trabalhos realizados no Brasil com plantas ornamentais, não fazem referências ao grupo das pteridófitas ou, se o fazem, tal menção carece de informações, taxonômicas principalmente, mais detalhadas sobre o grupo e sobre as espécies de uma forma geral, muitas vezes se restringindo apenas aos nomes populares e formas de cultivo.

¹Parte da Monografia da primeira autora no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Jorge Amado-UNIJORGE.

Assim, o presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento das pteridófitas nos principais locais de venda de plantas ornamentais da Cidade de Salvador-BA, fornecendo descrições sucintas, comentários e ilustrações de algumas espécies, bem como dados de distribuição geográfica das mesmas.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Salvador, Bahia, terceira cidade mais populosa do Brasil, com aproximadamente 2.892.625 habitantes, depois de São Paulo e Rio de Janeiro. É a 5ª região metropolitana do Brasil e 7ª maior cidade da América Latina (IBGE, 2007).

Foram escolhidos estabelecimentos de grande porte que trabalhavam com a venda de plantas vivas destinadas à ornamentação de residências e outros locais. A coleta dos espécimes foi realizada durante o primeiro semestre de 2008, em estabelecimentos de venda de plantas ornamentais, localizados nos seguintes bairros: Rio Vermelho, Santa Cruz, Brotas e Imbuí.

O material botânico foi coletado e herborizado segundo WINDISCH (1992). Para identificação das espécies foram utilizadas literaturas específicas. A classificação adotada segue SMITH *et al.* (2006). A abreviação dos nomes dos autores dos táxons está de acordo com PICH-SERMOLLI (1996).

Os comentários foram feitos a partir da análise do material botânico coletado pela primeira autora, bem como de aspectos relevantes encontrados na literatura. Os dados a respeito da distribuição geográfica foram realizados com base nas referências bibliográficas citadas ao final de cada espécie. Foram preparadas ilustrações para as variedades cultivadas (cv) encontradas durante o levantamento, visando um melhor diagnóstico das mesmas.

Os espécimes coletados encontram-se depositados no acervo do Herbário RADAMBRASIL (HRB).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletadas 14 espécies e três variedades cultivadas (cv) durante a pesquisa, estando distribuídas em dez gêneros e seis famílias.

Aspleniaceae

1. *Asplenium nidus* L., Sp. Pl. 2: 1079

Planta herbácea ca. 30-90 cm de comprimento. Rizoma ereto, conspicuamente escamoso. Lâmina simples, lanceolada, margem inteira, sub-coriácea, glabra. Venação livre, unindo-se no ápice a uma vênula intramarginal. Soros lineares, paralelos, localizados na face abaxial. Indúcio linear.

Distribuição Paleotropical, desde a África até a Polinésia, sendo comum em Taiwan, Filipinas e Malásia (SHIEH *et al.*, 1994).

Material examinado: 26.mar.2008, T. S. Macedo 46 (HRB); 24.abr.2008, T. S. Macedo 51 (HRB).

Conhecida popularmente como asplênio, ninho-de-passarinho, asplênio-ninho-de-ave (LORENZI & SOUZA, 2001). *A. nidus* assemelha-se a *A. serratum*, espécie nativa do Brasil, porém distingue-se desta última por apresentar pecíolo plano abaxialmente e vênulas unidas no ápice a uma vênula intramarginal. *A. serratum* apresenta o pecíolo sulcado na face abaxial e vênulas livres a 1-furcadas (SEHNEM, 1968).

Davalliaceae

2. *Davallia fejeensis* Hook., Sp. Fil. 1: 166. pl. 55d. 1846.

Planta herbácea ca. 40-60 cm de comprimento. Rizoma reptante, densamente escamoso. Lâmina 3 pinado-pinatífida, deltóide, margem inteira, cartácea, glabra. Venação livre. Soros superficiais no final das margens dos segmentos, associados à terminação das vênulas. Indúcio tubular.

Distribuição Paleotropical (SDFS, 2000).

Material examinado: 14.fev.2008, T. S. Macedo 25 (HRB); 19.fev.2008, T. S. Macedo 31 (HRB).

Popularmente conhecida como renda-portuguesa (LORENZI & SOUZA, 2001). Ocorrem como epífitas em seus habitats naturais. *D. fejeensis* caracteriza-se por possuir os segmentos muito estreitos. Apresenta grande resistência e longa duração com frondes que podem durar 2-3 anos, em plantas saudáveis. São adaptadas tanto a luz baixa como a alta luminosidade (SDFS, 2000).

Dryopteridaceae

3. *Rumohra adiantiformis* (G. Forst.) Ching, Sinensia 5: 70. 1934.

Planta herbácea ca. 60-90 cm de comprimento. Rizoma reptante, densamente escamoso. Lâmina 3-4 pinado-pinatífida, deltóide, margem crenulada, coriácea, glabra. Venação livre. Soros arredondados, localizados na face abaxial. Indúcio peltado, deixando a cicatriz de aderência quando ausente.

Apresenta distribuição Pantropical, sendo amplamente distribuída nos trópicos e subtropicais do Hemisfério Sul (PROCTOR, 1985). No Brasil ocorre nos seguintes estados: BA, MG, ES, RJ, SP, PR, SC e RS (GARCIA, 2006).

Material examinado: 19.fev.2008, T. S. Macedo 40 (HRB); 24.abr.2008, T. S. Macedo 30 (HRB).

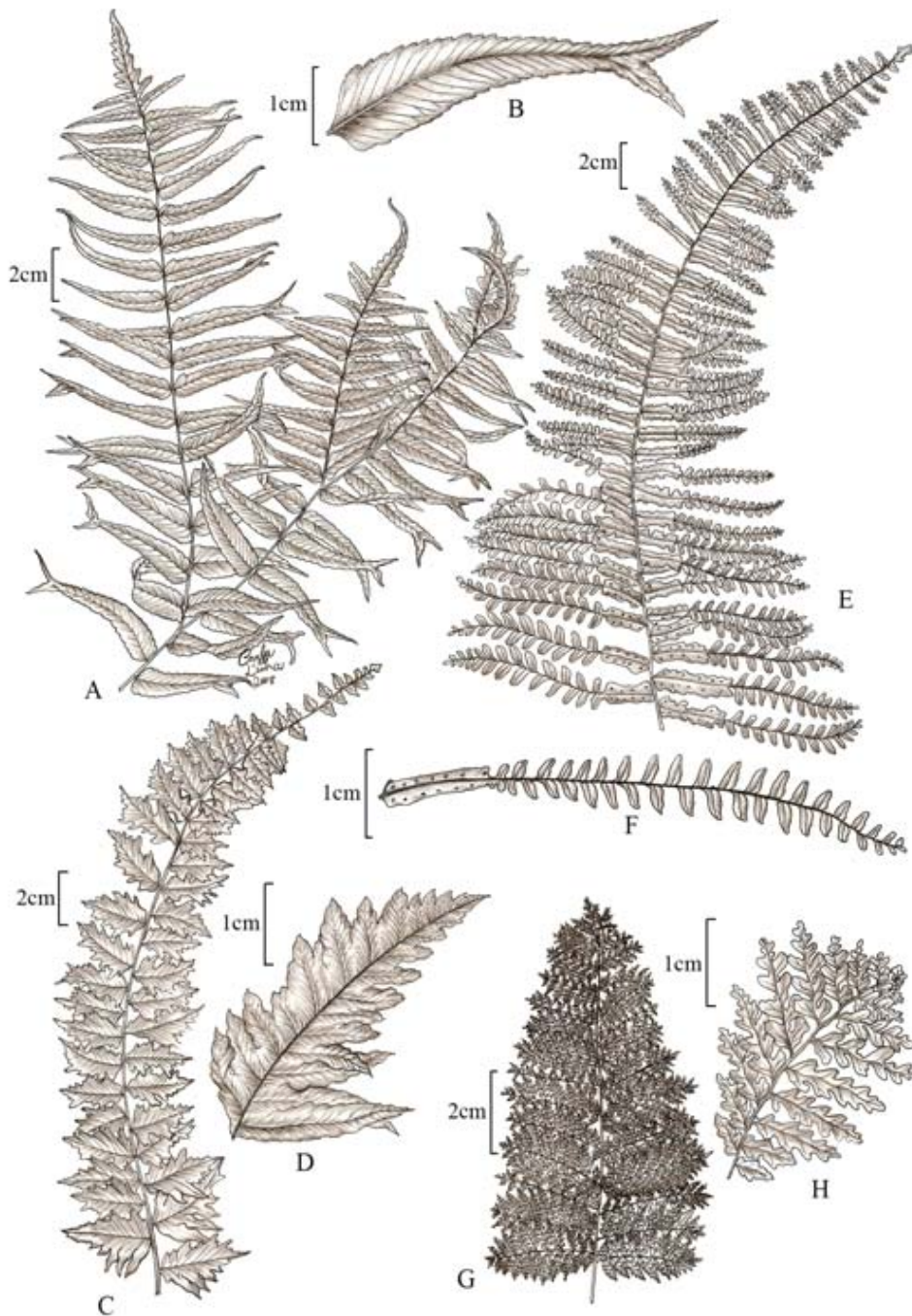


Fig. 1. A-B, *Nephrolepis biserrata* cv “Furcans”. A - Aspecto da fronde; B - Detalhe de uma pina mediana, mostrando o ápice furcado. C-D, *Nephrolepis exaltata* cv “Fantasia verde”. C - Aspecto da fronde; D – Detalhe de uma pina mediana. E-F, *Nephrolepis exaltata* cv “Florida-ruffle”. C - Aspecto da fronde; D – Detalhe da face abaxial de uma pina mediana fértil. G-H, *Nephrolepis exaltata* cv “Marisa”. G - Aspecto da fronde; H - Detalhe de uma pina mediana.

Popularmente conhecida como renda-francesa, davália-bola (LORENZI & SOUZA, 2001), samambaia-preta. A espécie é a mais representativa do gênero no Velho Mundo (TRYON & TRYON, 1982). O indúcio peltado, a cicatriz deixada pelo mesmo, quando ausente, e o contorno da lâmina (deltóide) são as principais características que distinguem a espécie.

Lomariopsidaceae

4. *Nephrolepis biserrata* (Sw.) Schott, Gen. Fil. pl. 3. 1834.

Esta espécie foi encontrada na variedade cultivada “Furcans”.

Possui distribuição Pantropical (NAUMAN, 1995). No Brasil ocorre nos seguintes estados: AM, AP, PA, BA, CE,

MA, PE, MG, MT, ES, RJ, SP, PR, RS e SC (MACIEL *et al.*, 2007).

4.1 *Nephrolepis biserrata* cv “Furcans”

Fig.: 1, A-B.

Planta herbácea ca. 40-60 cm de comprimento. Rizoma ereto, conspicuamente escamoso. Lâmina pinada, lanceolada, pina furcada na extremidade, margem crenulada, cartácea, glabrescente. Venação furcada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, associados à terminação das vênulas. Indúcio reniforme a orbicular.

Material examinado: 24.abr.2008, T. S. Macedo 53 (HRB).

Conhecida popularmente como rabo-de-peixe, samambaia-rabo-peixe (LORENZI & SOUZA, 2001). *N. biserrata* cv “Furcans” é uma variedade cultivada da espécie nativa *N. biserrata*. A variedade caracteriza-se principalmente pela extremidade das pinas furcada, diferente da espécie nativa que apresenta o ápice das pinas obtuso, não furcado.

5. *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott, Gen. Fil. pl. 3. 1834.

Esta espécie foi encontrada na sua forma nativa e em três variedades cultivadas.

5.1 *Nephrolepis exaltata* (L.) Schott

Planta herbácea ca 40-60 cm de comprimento. Rizoma ereto, conspicuamente escamoso. Lâmina pinada, lanceolada, pina auriculada no lado acroscópico, margem inteira, cartácea, glabra. Venação furcada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, associados à terminação das venações. Indúcio reniforme a orbicular.

Distribuição Cosmopolita. Não foram encontradas referências sobre a distribuição da espécie no Brasil. Segundo BOLDRIN & PRADO (2007), a distribuição das espécies nativas do gênero *Nephrolepis* Schott encontra-se incompleta, devido às poucas coletas e estudos das mesmas, associado ao fato de que muitas podem ter sido confundidas, dada a forte semelhança entre elas.

Material examinado: 14.fev.2008, T. S. Macedo 27 (HRB); 19.fev.2008, T. S. Macedo 28 (HRB); 24.abr.2008, T. S. Macedo 29 (HRB).

Conhecida pelos nomes populares de samambaia-americana, samambaia-de-boston, samambaia-espada (LORENZI & SOUZA, 2001). Muitas formas de *N. exaltata* cv. *Bostoniensis* e seus derivados são cultivados em todo o Neotrópico (NAUMAN, 1995).

5.2 *Nephrolepis exaltata* cv “Fantasia verde”

Fig.: 1, C-D.

Plantas herbácea ca. 25-40 cm de comprimento. Rizoma ereto, conspicuamente escamoso. Lâmina pinada, lanceolada, pina

deltóide, margem lacerada, sub-coriácea, glabra. Venação furcada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, associados à terminação das venações. Indúcio reniforme a orbicular.

Material examinado: 24.abr.2008, T. S. Macedo 54 (HRB).

Conhecida apenas pelo nome popular de samambaia. *N. exaltata* cv “Fantasia verde” é um cultivar resistente (FLOWERS AND PLANTS ASSOCIATION, 2008). Difere da espécie nativa pelo formato das pinas deltóides e pelas margens destas laceradas (incisas).

5.3 *Nephrolepis exaltata* cv “Florida-ruffle”

Fig.: 1, E-F.

Planta herbácea ca. 25-40 cm de comprimento. Rizoma ereto, conspicuamente escamoso. Lâmina pinada, lanceolada, pina com ápice pinado, margem inteira, cartácea, pilosa. Venação furcada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, associados à terminação das venações. Indúcio reniforme a orbicular.

Material examinado: 19.fev.2008, T. S. Macedo 37 (HRB).

Conhecida popularmente como samambaia-crespa (LORENZI & SOUZA, 2001).

N. exaltata cv “Florida-ruffle” é uma variedade resistente, robusta, suave ao toque (VITRO PLUS, 2008). O cultivar caracteriza-se pela lâmina pinada, com pinas de base inteira e ápice pinado, bem como pela raque densamente escamosa.

5.4 *Nephrolepis exaltata* cv “Marisa”

Fig.: 1, G-H.

Planta herbácea ca. 15-20 cm de comprimento. Rizoma ereto, conspicuamente escamoso. Lâmina 2 pinado-pinatifida, ovada à lanceolada, margem inteira, glabrescente. Venação furcada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, associados à terminação das venações. Indúcio reniforme a orbicular.

Material examinado: 26.mar.2008, T. S. Macedo 48 (HRB).

Popularmente conhecida como samambaia-mini-havaiana, samambaia-havaiana-mirim. Esta samambaia destaca-se por causa de sua aparência compacta e ligeiramente densa. É uma das menores variedades cultivadas de *N. exaltata* (VITRO PLUS, 2008). Além do menor tamanho, *N. exaltata* cv “Marisa” difere das outras variedades por possuir a lâmina 2 pinado-pinatifida.

Polypodiaceae

6. *Campyloneurum rigidum* J. Sm., Cat. Kew Ferns 2. 1856.

Planta herbácea ca.14-55 cm de comprimento. Rizoma reptante, conspicuamente escamoso. Lâmina simples,

lanceolada, margem inteira a levemente ondulada, coriácea, glabra. Venação areolada com vênula livre inclusa. Soros arredondados, localizados na face abaxial, geralmente dispostos no ápice das vênulas inclusas da aréola. Sem indúcio.

Planta nativa do Brasil, endêmica dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Material examinado: 19.fev.2008, *T. S. Macedo 39* (HRB).

Caracteriza-se pela lâmina brilhante e lustrosa, coriácea, com as vênulas imersas, e pelas escamas do rizoma adpressas (SEHNEM, 1970; LEÓN, 1993).

7. *Phlebodium aureum* (L.) J. Sm. J., Bot. (Hooker) 4: 59
Planta herbácea ca. 40-60 cm de comprimento. Rizoma reptante, densamente escamoso. Lâmina pinatífida, ovado-alongada, margem inteira a ondulada, sub-coriácea, glabra. Venação areolada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, formando duas ou três fileiras. Sem indúcio.

Distribuição Neotropical (TRYON & STOLZE, 1989). No Brasil, segundo BARROS & ANDRADE (1997), é encontrada na região Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Material examinado: 19.fev.2008, *T. S. Macedo 36* (HRB); 24.abr.2008, *T. S. Macedo 57* (HRB).

Conhecida popularmente como polipódio, polipódio-areolado, avenca-dourada (BARROS & ANDRADE, 1997). Acredita-se que *P. aureum*, espécie tetraplóide, seja um híbrido resultante do cruzamento de *P. decumanum* e *P. pseudoaureum*, ambos diplóides. A prova morfológica que sustenta tal hipótese é justamente o número de série de soros intermediário (2-3) entre *P. pseudoaureum* (1 série) e *P. decumanum* (3-7 séries) (Moran, 1995).

8. *Microsorium scolopendria* (Burm. f.) Copel., Univ. Calif. Publ. Bot. 16(2): 112. 1929.

Planta herbácea ca. 15-60 cm de comprimento. Rizoma reptante, espaçadamente escamoso. Lâmina pinatífida, ovado-alongada, margem inteira, coriácea, glabra. Venação areolada. Soros arredondados, localizados na face abaxial, formando duas fileiras. Sem indúcio.

Distribuição Paleotropical: Ásia, Austrália, Pacífico Ocidental, norte das Filipinas a leste das Ilhas Fiji (BOSTOCK & SPOKES, 1998).

Material examinado: 19.fev.2008, *T. S. Macedo 33* (HRB).

Popularmente conhecida como samambaia-jamaica (LORENZI & SOUZA, 2001). De acordo com IWATSUKI (1995) é comum encontrar variações de *P. scolopendria*, principalmente nos que diz respeito ao número de lobos da

lâmina. O autor ressalta ainda que são bastante necessários estudos de biosistemática para a espécie.

9. *Platycterium bifurcatum* (Cav.) C. Chr., Index Filic. fasc. 8: 496

Planta herbácea ca. 22-105 cm de comprimento. Rizoma reptante, conspicuamente escamoso. Lâmina dimorfa: a estéril aderida ao substrato, reniforme ou arredondada, coriácea, pilosa; lâmina fértil flabelada, estreitando em direção à base, ápice furcado, margem inteira, coriácea, pilosa. Venação com auréolas irregulares. Soros acrosticóides, localizados na face abaxial, apenas no ápice da lâmina. Sem indúcio.

Distribuição Paleotropical: Austrália, Nova Guiné e Nova Gales do Sul (BOSTOCK & SPOKES, 1998).

Material examinado: 19.fev.2008, *T. S. Macedo 34* (HRB).

Conhecida popularmente como chifre-de-veado, samambaia-chifre-de-veado (LORENZI & SOUZA, 2001). Dezoito espécies do gênero *Platycterium* Desv. se distribuem na África, Ásia tropical a Nova Guiné e Austrália. Na América do Sul, ocorre apenas uma espécie do gênero, *Platycterium andinum* Baker (BOSTOCK & SPOKES, 1998), sendo encontrada no Peru e Bolívia (TRYON & TRYON, 1989).

10. *Polypodium persicifolium* Desv., Ges. Naturf. Freunde Berlin Mag. Neuesten Entdeck. Gesamten Naturk. 5(3): 316. 1811.

Planta herbácea ca. 60-150 cm de comprimento. Rizoma reptante, densamente escamoso. Lâmina pinada, lanceolada, pina lanceolada, margem crenada, cartácea, glabra. Venação areolada com vênula livre inclusa. Soros arredondados, localizados na face abaxial, incluídos na vena inclusa da aréola. Sem indúcio.

Distribuição Paleotropical: China, Índia, Tailândia, Vietnã, Malásia, Indonésia, Filipinas, Nova Guiné e Ilhas do Pacífico (SHUGANG, 2000).

Material examinado: 14.fev.2008, *T. S. Macedo 26* (HRB); 19.fev.2008, *T. S. Macedo 32* (HRB); 24.abr.2008, *T. S. Macedo 56* (HRB).

Popularmente conhecida como samambaia-de-metro (LORENZI & SOUZA, 2001). Facilmente distinguida nos locais de coleta pelo pecíolo e raque escuros, pela lâmina imparipenada e pela margem das pinas crenadas.

11. *Polypodium punctatum* Thunb., J. Bot. (Schrader) 1800 (2): 21. 1801.

Planta herbácea ca. 27-113 cm de comprimento. Rizoma reptante, espaçadamente escamoso. Lâmina simples, flabelada, estreitando em direção à base, ápice furcado, em

forma de cristas, margem inteira ou ligeiramente ondulada, coriácea, glabra. Venação areolada com vênulas livres inclusas. Soros arredondados, localizados na face abaxial, dispersos irregularmente. Sem indúcio.

Distribuição Paleotropical: Austrália, região tropical ocidental da África, Ásia Tropical, Madagascar até o Taiti (BOSTOCK & SPOKES, 1998).

Material examinado: 19.fev.2008, T. S. Macedo 35 (HRB).

Conhecida popularmente como ninho-de-passarinho (LORENZI & SOUZA, 2001). Nos habitats nativos, *P. punctatum* ocorre, geralmente, como terrestre ou rupícolas, habitando desde ambientes xerofíticos a florestas tropicais (BOSTOCK & SPOKES, 1998).

12. *Polypodium subauriculatum* Blume, Enum. Pl. Javae fasc. 2: 133. 1828.

Planta herbácea ca. 20-120 cm de comprimento. Rizoma reptante, conspicuamente escamoso. Lâmina 1 pinado-pinatífida, lanceolada, pina deltóide, margem inteira, cartácea, pilosa. Venação areolada com vênula livre inclusa. Soros arredondados, localizados na face abaxial, na vena inclusa da aréola. Sem indúcio.

Distribuição Paleotropical, no Centro-Leste e Nordeste da Austrália, Índia, Sudeste da Ásia às Ilhas Fiji (BOSTOCK & SPOKES, 1998).

Material examinado: 24.abr.2008, T. S. Macedo 55 (HRB).

Popularmente chamada apenas de samambaia. Em seus habitats nativos *P. subauriculatum* apresenta-se como epífita em árvores e outras epífitas, sobre rochas no interior ou margens de florestas (BOSTOCK & SPOKES, 1998).

Pteridaceae

13. *Adiantum raddianum* C. Presl, Tent. Pterid. 158. 1836.

Planta herbácea ca. 30-50 cm de comprimento. Rizoma reptante, conspicuamente escamoso. Lâmina 3-4 pinada, deltóide, pínula cuneiforme, margem arredondada à levemente ondulada, cartácea, glabra. Venação livre. Soros arredondados, localizados na margem dos segmentos. Indúcio reniforme.

Distribuição Neotropical. Ocorre em praticamente todos os estados brasileiros (WINTER *et al.*, 2007).

Material examinado: 26.mar.2008, T. S. Macedo 47 (HRB); 24.abr.2008, T. S. Macedo 52 (HRB).

Conhecida pelo nome popular de avenca, avencão, avenca-delta (LORENZI & SOUZA, 2001), avenca-cuneiforme

(Barros & Andrade, 1997), avenquinha-da-miúda (SOARES *et al.*, 2004), avenca-de-folha-miúda, avenca-brasileira, capilária (SANTOS & SILVESTRE, 2006). *A. raddianum* é largamente cultivada em todo o mundo.

14. *Adiantum tenerum* Sw., Prodr. 135. 1788.

Planta herbácea ca. 20-30 cm comprimento. Rizoma reptante, conspicuamente escamoso. Lâmina 2-3 pinada, deltóide, pínula flabelada, margem incisa, cartácea, glabra. Soros arredondados a oblongos, localizados na margem dos segmentos. Indúcio formado pela margem reflexa dos segmentos (pseudo-indúcio).

Distribui-se no Norte da América do Sul, ocorrendo desde o México até a Venezuela. Também no Caribe e Trinidad (WINTER *et al.*, 2007).

Material examinado: 19.fev.2008, T. S. Macedo 41 (HRB).

Popularmente conhecida como avenca, avenca-tenra (BARROS & ANDRADE, 1997). No Brasil, ocorre apenas como uma planta cultivada, com registro nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (WINTER *et al.*, 2007).

A família com maior representatividade, dentre as coletadas, foi Polypodiaceae com sete espécies, tendo o gênero *Polypodium* L. como o mais representativo com três espécies.

Segundo MORAN (1995), a família Polypodiaceae é cosmopolita, possuindo aproximadamente 40 gêneros e 600 espécies, sendo uma das maiores famílias de pteridófitas. Tal fato pode explicar a representatividade das espécies de Polypodiaceae como plantas ornamentais. É uma família grande e diversificada não podendo ser definida por uma única característica (MORAN, 1995).

No presente trabalho foi observado que diferentes espécies de pteridófitas são conhecidas pelo mesmo nome popular: "samambaia". Os nomes vernaculares podem variar de região para região, podendo uma mesma planta ter diversas denominações e uma denominação ser comum para diversas plantas. Assim, a verdadeira identidade da planta pode ser comprometida, principalmente por conta das variedades produzidas nas áreas de cultivo, as quais, normalmente, apresentam expressivas diferenças morfológicas em relação à espécie nativa. Destaca-se assim, a importância da taxonomia para a sociedade como um todo, por ser uma ciência que classifica e ordena uniformemente os organismos com todas as informações biológicas que os caracterizam, norteando e organizando os nomes populares dados as espécies, os quais tendem a sofrer inúmeras variações.

Em relação à ocorrência natural das espécies, a maioria (8 spp.) possui distribuição ampla ou restrita em países do paleotrópico, ocorrendo em outras regiões biogeográficas, a exemplo do Brasil, como cultivadas. Três espécies distribuem-se apenas em alguns países

neotropicais. Uma espécie ocorre como pantropical e uma espécie é cosmopolita. Vale destacar que uma das espécies (*Campyloneurum rigidum*) é endêmica de alguns Estados brasileiros.

Como observado, a maioria das espécies encontradas são exóticas. Desta forma atenta-se para o fato de que muitas destas espécies podem se tornar invasoras em ambientes naturais. É sabido que a segunda maior ameaça a perda da biodiversidade diz respeito a introdução de espécies exóticas. Segundo ZILLER (2001), do total de espécies ornamentais introduzidas em outros ambientes, no mundo, quase a metade tornou-se invasora com o tempo. Na África do Sul e Austrália estima-se que, das espécies exóticas, mais da metade foi introduzida para fins ornamentais. Na Nova Zelândia cerca de 240 espécies das 24 mil introduzidas (70% com fins ornamentais) tornaram-se invasoras.

Dentre as conseqüências principais da contaminação biológica destacam-se a perda da biodiversidade e a modificação dos ciclos e características naturais dos ecossistemas atingidos, a alteração fisionômica da paisagem natural, com acentuados prejuízos econômicos (ZILLER, 2001).

Assim, uma das alternativas visando mitigar a invasão de espécies exóticas consiste na utilização de nativas para ornamentação. O Brasil abriga uma flora diversificada com grande potencial de uso ornamental, sendo

este ainda pouco explorado, principalmente no que diz respeito às pteridófitas.

A utilização de plantas nativas com fins ornamentais elimina o risco da contaminação biológica quando estas escapam das áreas de cultivo (BARROSO *et al.*, 2007). Segundo HEIDEN *et al.* (2007), o uso de plantas nativas para ornamentação proporciona ganhos ambientais devido a menor exigência de recursos naturais para a sua manutenção e como forma de manutenção *ex situ* da biodiversidade. Vale destacar que é fator imprescindível, a propagação de tais espécies em locais legalizados como forma de evitar a pressão por coletas na natureza.

Este estudo destaca, além de outras peculiaridades, a necessidade da utilização da flora nativa na ornamentação, em especial das pteridófitas, como uma forma de amenizar danos ambientais, contribuir para o conhecimento e para a valorização das espécies nativas, além de permitir a aquisição de uma identidade nacional que reconheça a sua biodiversidade como patrimônio, contribuindo para a sua conservação.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos revisores pelas valiosas sugestões ao manuscrito. À Camilla Reis pelo auxílio durante as coletas. Aos responsáveis pelos hortos visitados por permitirem a coleta das pteridófitas. Ao Jardim Botânico de Salvador e Herbário RADAMBRASIL por ter cedido infra-estrutura para estudo e acondicionamento das plantas.

REFERÊNCIAS

- BARROS ICL & LHC ANDRADE. 1997. **Pteridófitas medicinais (samambaias, avencas e plantas afins)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- BARROSO CM, AB DELWING, GN KLEIN, IBI BARROS & LB FRANKE. 2007. Considerações sobre a propagação e o uso ornamental de plantas raras ou ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul. *Rev. Bras. Agroecologia* 2(1): 426-429.
- BOLDRIN AHL & J PRADO. 2007. Pteridófitas terrestres e rupícolas do Forte dos Andradas, Guarujá, São Paulo, Brasil. *Bol. Bot. Univ. São Paulo* 25(1): 1-69.
- BOSTOCK PD & TM SPOKES. 1998. **Polypodiaceae**. Disponível online em: <http://www.anbg.gov.au/abrs/online-resources/flora/stdisplay.xsql?sn_infspnm=POLYPODIACEAE&sn_infspmk=fam.&sn_fam=&sn_gen=&sn_sp=>. Acesso em: 12 jul. 2008.
- FLOWERS AND PLANTS ASSOCIATION. 2008. **Plant facts. Nephrolepis "Green Fantasy"**. Disponível online em: <<http://www.flowers.org.uk/plants/facts/m-r/nephrolepis.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2008.
- GARCIA PA. 2006. **A família Dryopteridaceae Herter (Monilophyta) no estado de Minas Gerais, Brasil**. Dissertação. Belo Horizonte: UFMG.
- HEIDEN G, ET STUMPF, RL BARBIERI & PR GROLLI. 2007. Uso de plantas subarbustivas e herbáceas nativas do Rio Grande do Sul como alternativa a ornamentais exóticas. *Rev. Bras. Agroecologia* 2(1): 850-853.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2007. **Banco de Dados: Salvador**. Disponível online em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 jul. 2008.
- IWATSUKI K. 1995. Polypodiaceae. In: K IWATSUKI, T YAMAZAKI, DE BOUFFORD & H OHBA (eds.). **Flora of Japan. Pteridophyta e Gymnospermae. Vol. 1**. Tóquio: Kodansha.
- LEÓN B. 1993. **A taxonomic revision of the fern genus Campyloneurum (Polypodiaceae)**. Ph.D. Thesis. Afdelingen for Systematisk Botanik. Risskov, Biologisk Institut Aarhus Universitet.
- LORENZI H & HM SOUZA. 2001. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 3ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- MACIEL S, MGC SOUZA & MR PIETROBOM. 2007. Licófitas e monilófitas do Bosque Rodrigues Alves Jardim Botânico da Amazônia, município de Belém, estado do Pará, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ciências Naturais* 2(2): 69-83.
- MORAN RC. 1995. Polypodiaceae. In: G DAVIDSE, M SOUSA & S KNAPP (eds.). **Flora Mesoamericana**. Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma de México; Londres, Missouri Botanical Garden, The Natural History Museum.
- NAUMAN CE. 1995. Davalliaceae. In: G DAVIDSE, M SOUSA & S KNAPP (eds.). **Flora Mesoamericana**. Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma de México; Londres, Missouri Botanical Garden, The Natural History Museum.
- PAGE CN. 1979. The diversity of ferns. An ecological perspective, p. 10-56. In: AF DYER (eds.) **The experimental biology of ferns**. Londres: Academic Press.
- PICHI-SERMOLLI REG. 1996. **Authors of scientific names in Pteridophyta**. Kew: Royal Botanic Gardens.
- PROCTOR GR. 1985. **Ferns of Jamaica: a guide to the Pteridophytes**. Londres: British Museum Natural History.
- SANTOS MG & LS SILVESTRE. 2006. Aspectos florísticos e econômicos das pteridófitas de um afloramento rochoso do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta Bot. Bras.* 20(1): 115-124.
- SDFS. 2000. **San Diego Fern Society**. Disponível online em: <<http://www.sdferrn.com/ferncat.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2008.

- SEHNEM A. 1968. Aspleniáceas, p. 1-96. *In*: R REITZ (eds.). **Flora Ilustrada Catarinense. Parte I, fasc. ASPL.** Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues.
- SEHNEM A. 1970. Polipodiáceas, p. 1-173. *In*: R REITZ (eds.). **Flora Ilustrada Catarinense. Parte I, fasc. POLI.** Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues.
- SHIEH WC, CE DEVOL & CM KUO. 1994. Aspleniaceae. *In*: T HUANG *et al.* (eds.). **Flora of Taiwan. Vol. 1.** 2ª ed. Taipei: Comitê Editorial da Flora de Taiwan.
- SHUGANG L. 2000. Polypodiaceae – Parte 2. *In*: ZY WU, PH RAVEN & DY HONG (eds.). **Flora of China. Blechnaceae-Azollaceae. Vol. 3.** Pequim: Science Press; St. Louis: Missouri Botanical Garden Press.
- SILVA AT, CEF CASTRO & O YANO. 1981. **Samambaias e plantas afins.** São Paulo: Instituto de Botânica.
- SMITH AR, KM PRYER, E SCHUETTPELZ, P KORALL, H SCHNEIDER & PG WOLF. 2006. A classification for extant ferns. **Taxon** 55(3): 705-731.
- SOARES ELC, GS VENDRUSCOLO, SM EINSINGER & RA ZÁCHIA. 2004. Estudo etnobotânico do uso dos recursos vegetais em São João do Polêsine, RS, Brasil, no período de outubro de 1999 a junho de 2001. I – Origem e fluxo do conhecimento. **Revista Bras. Plant. Med.** 6(3): 69-95.
- TRYON RM & RG STOLZE. 1989. **Pteridophyta of Peru. Part V. Aspleniaceae-Polypodiaceae.** Chicago: Field Museum of Natural History.
- TRYON RM & A TRYON. 1982. **Ferns and allied plants, with special reference to Tropical America.** New York: Springer-Verlag.
- VITRO PLUS. 2008. **A bird's-eye view of the assortment.** Países Baixos: Burgh Haamstede.
- WINDISH PG. 1992. **Pteridófitas da região Norte-ocidental do Estado de São Paulo: guia para estudo e excursões.** São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista.
- WINTER SLS, CM MYNSEN & J PRADO. 2007. *Adiantum* (Pteridaceae) no arboreto do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Brasil. **Rodriguésia** 58(4): 847-858.
- ZILLER RS. 2001. Plantas exóticas invasoras: a ameaça da contaminação biológica. **Ciência Hoje** 30(178): 77-79.

LISTA DE EXSICATAS

Índice dos espécimes examinados, constando: coletor, número de coleta seguido pela numeração do táxon no texto e número de tombo em herbário.

- T. S. Macedo 46, 51 (1), HRB 55805, 55808
 T. S. Macedo 25, 31 (2), HRB 55790, 55794
 T. S. Macedo 40, 30 (3), HRB 55803, 55815
 T. S. Macedo 53 (4), HRB 55809
 T. S. Macedo 27, 28, 29 (5.1), HRB 55792, 55793, 55813
 T. S. Macedo 54 (5.2), HRB 55810
 T. S. Macedo 37 (5.3), HRB 55800
 T. S. Macedo 48 (5.4), HRB 44807
 T. S. Macedo 39 (6), HRB 55802
 T. S. Macedo 36, 57 (7), HRB 55799, 55816
 T. S. Macedo 33 (8), HRB 55796
 T. S. Macedo 34 (9), HRB 55797
 T. S. Macedo 26, 32, 56 (10), HRB 55791, 55795, 55812
 T. S. Macedo 35 (11), HRB 55798
 T. S. Macedo 55 (12), HRB, 55811
 T. S. Macedo 47, 52 (13), HRB 55806, 55814
 T. S. Macedo 41 (14), HRB 55804